

Antônia Mara Silva Neves

**OS DANOS NA EDUCAÇÃO: A PERDA DA TRADIÇÃO E DA
AUTORIDADE, SOB A ÓTICA DE HANNAH ARENDT**

Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura em Filosofia

Área de Concentração: Filosofia

Orientador (a): Silvia Contaldo

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade de Filosofia e Teologia
2019

Antônia Mara Silva Neves

**OS DANOS NA EDUCAÇÃO: A PERDA DA TRADIÇÃO E DA
AUTORIDADE, SOB A ÓTICA DE HANNAH ARENDT**

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia

Orientador (a): Silvia Contaldo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois por Ele, com Ele e para Ele são sempre todas as coisas. Grata sou por ter O melhor escritor para a história da minha vida. Ele já sabia de tudo antes mesmo que eu pensasse, já havia trilhado o caminho antes mesmo que eu andasse. Feliz sou por nossas vontades terem coincidido quando escolhi fazer filosofia.

Aos meus filhos, César, Audrey e Waleska que incansavelmente me deram forças e sempre preencheram minha vida com muito amor, não permitindo brechas à desistência.

À amiga Maria Aparecida Franco pela força no início do curso de Filosofia.

Meus agradecimentos em especial à orientadora Silvia Contaldo, que pacientemente esteve ao meu lado na realização do trabalho.

A todos os docentes e funcionários da Faculdade que proporcionaram a realização do curso. Professores, vocês são os melhores exemplos de como a busca pelo conhecimento vale a pena. Minha eterna gratidão e respeito a cada um de vocês.

RESUMO

Esta pesquisa traz à baia reflexões e indagações a respeito dos danos causados na educação, graças a perda da tradição e da autoridade no mundo moderno. O objetivo foi reunir dados a partir de três capítulos da obra arendtiana, *Entre o passado e o futuro*, que pudessem nos ajudar na compreensão dos “porquês” de rejeição à hierarquia, por parte das novas gerações. Com base nas observações de Arendt e nas reflexões de autores mais recentes, foi possível abordar se há ou não, atualmente, interesse dos adultos em se responsabilizarem pelas crianças e pelo mundo, se os jovens têm ou não em quem se espelhar, ou se a *teenagização* como sintoma dos dias atuais poderia, em outra pesquisa, nos dizer algo sobre os *adultescentes*. Estaríamos rumo a uma definitiva inversão dos papéis? Enfim, pode-se neste trabalho constatar que os adultos de hoje estão longe de agirem como os de outrora. Enquanto os pais não mais delegam autoridade à escola, percebe-se nos adultos um profundo desinteresse pelo mundo comum, pela pluralidade que segundo Arendt é imprescindível no espaço público. Não é momento para a passividade. O tempo urge por ação, por mudanças que alterem o estado atual das coisas.

Palavras-chave: Autoridade. Tradição. Teenagização. Educação. Ação. Natalidade.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
2	A ESTREITA CONEXÃO DA CRISE DA AUTORIDADE NA EDUCAÇÃO E A CRISE DA TRADIÇÃO	13
2.1	O sentido original do termo autoridade.....	13
2.2	A crise da autoridade: do mundo moderno ao contemporâneo	14
2.3	É possível restaurar a autoridade nas relações?	16
3	A PERDA DO SENSO COMUM: SINAIS DE CRISE.....	17
3.1	O imprescindível papel do adulto na educação.....	19
4	A VISÃO DA NATALIDADE COMO ESSÊNCIA DA EDUCAÇÃO.....	22
	CONCLUSÃO	25
	REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

A obra arendtiana, *Entre o Passado e o Futuro*, possui oito capítulos que impulsionam o leitor a mergulhar nas fluências dos seus escritos. Destes, três foram escolhidos para nossa proposta: “*Que é autoridade, A Crise na Educação e A Crise na Cultura: Sua importância Social e Política*”, como verdadeiros instrumentos para a compreensão e possível encaminhamento de solução à crise da autoridade que se instalou na educação hodiernamente. Encontramo-nos em sérias dificuldades no preparo das novas gerações para uma vivência no mundo, pois percebemo-nos dentro de uma lacuna entre o passado e o futuro.

Sabemos que a educação demanda base sólida para que possamos ter condições de caminharmos melhores rumo ao futuro. Segundo George Byron¹, poeta citado por Dannemann em seu texto *As Escolas Relegam a Nossa História*, “o melhor profeta do futuro é o passado. Sem passado não há presente, nem muito menos futuro” (2018, n.p). Portanto, é preciso manter o vínculo entre as gerações atuais e as gerações mais velhas, numa arquitetura que os conduza às ações no tempo presente e futuro em recíproco respeito e confiança. Empenhar-se nessa tessitura de gerações conecta mundo adulto e o infanto-juvenil, ou seja, interliga o futuro possível e o presente aberto às aceleradas mudanças.

Na modernidade, acontecimentos fizeram com que a relação entre passado e futuro viesse ao longo dos anos a esgarçar-se rompendo o que de mais importante a torna precisa: a autoridade. Arendt afirma que “a crise da autoridade na educação guarda a mais estreita conexão com a crise da tradição, ou seja, com a crise de nossa atitude face ao âmbito do passado” (2011, p. 243). Isto devido a acontecimentos ocorridos a partir do início do século XX, sobretudo as guerras e ao que foi desinente delas. Tal crise concebida como “fato político” estendeu-se às áreas pré-políticas como criação dos filhos e a educação.

O advento da modernidade desencadeou uma série extraordinária de transformações que ainda ocorrem em nossos dias, no entanto, à cada momento sempre mais aceleradas que outrora. Isto faz com que uma nova visão de mundo se estabeleça distintamente, tanto nos indivíduos que já estavam inseridos em suas respectivas gerações quanto nos que posteriormente a estas foram e vão dia a dia se apropriando de seu tempo e espaço. Contudo, tais transformações não deveriam apagar os contrastes e distinções que, ao longo de toda a história, concebeu-se existir entre jovens e velhos, alunos e professores, crianças e adultos. Distinção e excelência não

¹ George Byron (1788-1824), importante poeta britânico do século XIX, um dos principais representantes do romantismo inglês. No Brasil, o escritor Alvares de Azevedo recebeu forte influência de Byron. Entre os poemas mais importantes de Byron estão: *Peregrinação de Child Harold*, *Don Juan* e *Manfredo*.

podem ceder lugar à homogeneização e, principalmente, à recusa da hierarquia. Por outro lado, atualmente, percebe-se que além do enfraquecimento da autoridade, existe uma carência dos bons exemplos, de saberes e valores que por parte dos adultos exerçam impacto aos jovens. É primordial que as crianças tenham aspectos positivos para se espelhar; a admiração por alguém que tem algo a transmitir-lhes tem efeito efetivamente marcante às suas vidas. O depositário de um valor que o transcende, detentor de um saber prestigioso é, inevitavelmente, legitimado em seus empreendimentos, pois o saber assim gerado é manancial de autoridade para todo aquele que o possui (LA TAILLE, 1999, p. 25). No entanto, o mundo moderno parece ter se esvaziado de um parâmetro condizente a ser imitado. Ocorre uma perda de responsabilidade pelo mundo, possivelmente, pelo fato de não mais se ter garantias de conseguir preservá-lo ou, talvez, analisando sob um sintoma mais recente, sejam os efeitos da *teenagização* da cultura ocidental; esse conceito moderno de *teenagização* diz respeito, dentre outras coisas, ao desconforto que os adultos sentem ante a obrigação de terem que tirar conclusões sobre a vida e transmiti-las aos seus descendentes (KEHL, 1998, p. 2). Assim, muitas vezes, aqueles que deveriam estar preparados para introduzir os novos no mundo não se concebem mais responsáveis por tal ação porque, também, ao se basear nas grandes, aceleradas e infundáveis mudanças que acontecem no mundo, os adultos parecem não encontrar mais critérios educacionais a serem transmitidos. O conceito *teen* é riquíssimo em seu cerne, corrobora à ideia arendtiana e, certamente, servirá de base para futuras investigações e pesquisas. É de se observar, também, a incessante perda do espaço público, contributo à confusão entre este e o espaço privado, dando a impressão de mistura, tal fato não é à mídia e às novas ideologias nenhuma novidade, aliás está como que naturalizado. Tem-se, inquestionavelmente, uma inversão nas relações atuais, a ordenação que deveria ser transmitida à criança não é arquitetada, “os adolescentes parecem viver num mundo cujas regras são feitas por eles e para eles” (KEHL, 1998, p. 2). As atenções são imediatas, e uma relação de ajustes imediatos, permite que a autoridade prescindida de sua indissolubilidade, se rarefaça, deixando, desta forma, a vaga de adulto totalmente inativa. Tal condição concorre para que as vidas sejam terceirizadas.

A dificuldade de participar experiências, de impor limites às novas gerações tem levado os responsáveis a pensar que o benefício à felicidade, aos prazeres e diversões poderiam satisfazer às expectativas de um esperado comando, isto é, dos ensinamentos que deveriam dar. Contudo, o feedback que se obtém quanto a essas perceptíveis ilusões é que essas atitudes são, na verdade, imensuravelmente danosas às nossas crianças. Arendt lembra, nesse sentido, que graças à alta insatisfação do homem moderno com o estado atual das coisas é como se os pais, dominados pelo desespero, chegassem e dissessem diariamente às suas crianças da necessidade

de tentarem entender este mundo por si mesmos, da forma que puderem, que fizessem suas próprias escolhas, pois não há o que possam fazer (2011, p. 241). Não é possível negar, a maior parte dos nossos jovens encontra muitas dificuldades em lidar com a recusa dos prazeres. Lança-se às novas experiências, aos instantes de pura e total independência que os tempos atuais utopicamente parecem permitir. O que se percebe, portanto, é que não se trata de uma independência produtiva e evolutiva; as novas gerações se encontram, muitas vezes, carentes e acercados de um mundo desprovido de sentido, em um permanente hiato, já que não se tem ensinado às crianças como o mundo é em sua realidade. Quando temos crianças que não se apropriam do conhecimento pelas vias adequadas, evidentemente não de adquiri-las no cotidiano da vida. Aprender é uma necessidade inerente ao ser humano, e possivelmente a terá da forma que na maior parte das vezes está disponibilizada, perceptivelmente fragmentada, baseada em opiniões, sem uma investigação mais aguçada. Este é um dos grandes embaraços vividos hoje, uma vez que, embora o século XX tenha superado os anteriores, a visão de especialistas da área da educação corrobora para que grande parte das pessoas possam ver o que muitas vezes passa como imperceptível. Costuma-se pensar que as coisas são como são, tudo está como deve ser, devemos aceitar as mudanças sem contestações, sem repulsas. Será mesmo?

Nesse cenário, então, segundo La Taille,

Tem-se a impressão de que o saber perdeu muito de seu prestígio. O que penetra o dia-a-dia das pessoas é a *informação*, não o conhecimento. Diz-se frequentemente que os jovens de hoje são muito mais informados que os de outrora. É verdade, notadamente graças à televisão que nos permite saber, às vezes até ao vivo, que estourou uma guerra na Europa, que o homem pisou na Lua, que uma nova epidemia está matando pessoas [...]. As crianças e os jovens de hoje estão, de fato, muito bem informados [...]. Mas isso não significa dizer que tenham mais conhecimentos. Penso até que são menos cultos que os de ontem, refiro-me àqueles que frequentavam as escolas (1999, p. 25).

Houve um tempo em que as pessoas costumavam agir em conformidade uns com os outros, graças à percepção que se tinha de um mundo em comum. A presença de cada um naquele contexto cooperava para que se pudesse perceber o quão importante é a ação do homem no espaço público, ou seja, na pluralidade do “nós”. Ao agir o indivíduo é percebido e ouvido pelos outros membros da comunidade. Sua ação aliada à palavra corrobora para que o mundo, como *locus* e, de certa forma, elaborado por intermédio do senso comum, em sentido tradicional, dê sentido à existência humana. Assim, somos na medida em que nos manifestamos e somos reconhecidos pelos demais, como iguais. Tudo o que é afirmado ao nosso respeito

propiciará que possamos juntos estruturar um pensamento que viabilize chegar a um denominador comum. Mas as crises parecem fazer-nos esquecer-las, e isto torna a nossa visão de mundo instável, conforme escreve Arendt

[...] Sempre que, em questões políticas, o *são juízo humano* fracassa ou renuncia à tentativa de fornecer respostas, nos deparamos com uma crise; pois essa espécie de juízo é, na realidade, aquele senso comum em virtude do qual nós e nossos cinco sentidos individuais estão adaptados a um único mundo comum a todos nós, e com a ajuda do qual nele nos movemos. O desaparecimento do senso comum nos dias atuais é o sinal mais seguro da crise atual. Em toda crise, é destruída uma parte do mundo, alguma coisa comum a todos nós. [...] (2011, p. 227).

Nesses termos, urge a necessidade do clamor das antigas vozes, fazendo-se continuamente audível ao ponto de despertar as atenções e interesse das gerações vindouras; é indispensável que os pais sintam, se não com igual intensidade, ao menos o desejo de destinar aos seus filhos um mundo aceptivo. Os novos devem ser inseridos e conectados ao mundo como observadores atentos, capazes de o transformar e dar-lhe a devida importância, pois é ao ser desvelado pelo olhar daquele que observa que grande parte das coisas adquirem vida. É preciso provocar, motivar, luzir transformações de pensamentos e ações. Nos dias atuais, são raras as pessoas que se prestam a sentir e experimentar com os mesmos olhos o que era tão comum aos antigos. Hodiernamente os pais não mais delegam autoridade à escola, pelo contrário, como reflete La Taille (1999, p.18), parece que o que a família sucessivamente faz é conferir responsabilidades à instituição educativa. E esta, por sua vez, parece esquecer ou teme exigir a delegação que lhe é imprescindível para exercer sua responsabilidade.

A autoridade não consegue ser restaurada em nosso meio devido às altas dúvidas, inseguranças e, até mesmo, incapacidade quanto à tarefa que se tem a exercer. Não se tem mais os préstimos dos saberes da tradição, e as pessoas talvez se sintam coagidas pelo grau elevado de alienação que os afeta, e o que fazem é, evidentemente, abrir mão desse esforço. O mais estarrecedor é, ainda, saber que existem pais que consolidam a ausência dos filhos à escola não por motivos de força maior, mas pura e simplesmente por terem dormido tarde, por ficarem brincando com vídeo game ou assistindo televisão. O medo de dizer ou de não saber proferir “nãos”, de prescrever limites acaba por reduzir ainda mais a capacidade dos pais em assumir a posição que precisa ser estabelecida e, essencialmente, conhecida e respeitada pelas crianças.

Em entrevista dada ao jornal *O Estado de S. Paulo*, Cortella responde à importante questão: ‘sempre é possível aos pais restabelecer uma boa relação com os filhos?’

Claro. O pai que diz não ter alternativa assume a falência da capacidade de ação. Quem tem responsabilidade sobre alguém não pode desistir e, afinal, quem ama não desiste. Há pais que estão criando crianças soberanas e não autônomas. Também esquecem que a família não é uma democracia – um conceito político que se aplica a um conjunto de cidadãos com direitos iguais. Uma família pode ser uma estrutura participativa, mas não democrática. Pais e filhos têm os mesmos direitos no que diz respeito à dignidade humana, mas é preciso exercer autoridade. Dar a mesma autoridade à criança é uma responsabilidade que ela não pode carregar (CORTELLA, 2017, n.p).

Talvez seja a hora de nos perguntarmos se estamos desempenhando nossa parte com relação aos cuidados e a educação de nossas crianças. Afinal, precisamos, também, destinar ao mundo gerações precavidas da importância de habitar, sem causar-lhe danos. Existe, portanto, por parte dos pais um compromisso não somente com o novo, mas com o velho, ou seja, este é aquele que esteve, está e deverá permanecer para acolher aos que chegam. O mundo é casa para toda a humanidade; o cuidado é e sempre será uma via de mão dupla. Aquele que cuida tenderá, também, a receber os cuidados do receptor. Gentileza sempre gera gentileza, como nos advertiu o “Profeta Gentileza”². Nessa perspectiva, Arendt em uma passagem de “*A Crise na Educação*” diz que

[...] essas duas responsabilidades de modo algum coincidem; com efeito podem entrar em mútuo conflito. A responsabilidade pelo desenvolvimento da criança volta-se em certo sentido contra o mundo: a criança requer cuidado e proteção especiais para que nada de destrutivo lhe aconteça de parte do mundo. Porém também o mundo necessita de proteção, para que não seja derrubado e destruído pelo assédio do novo que irrompe sobre ele a cada nova geração (ARENDR, 2011, p. 235).

Segundo Arendt é no espaço privado, ou seja, no âmbito familiar que começam os primeiros passos para a educação do novo. Neste ele receberá cuidados e ensinamentos que o levarão a assimilar costumes e valores para, então, posteriormente, mediado pela escola adentrar no espaço público. Assim, a família é quem dá os primeiros passos à educação daquele que futuramente, no âmbito público, fará parte da comunidade, da ação do “nós”. A esfera pública é, segundo a filósofa, caracterizada pelo *agón*, termo proveniente do grego que significa luta, competição, disputa, conflito. A esfera pública é onde o falar e o agir dos sujeitos constituem o espaço político. Nessa direção, La Taille traz à baila o modo como a família agia em favor da escola

² José Datrino, chamado Profeta Gentileza, (Cafelândia, São Paulo, 11 de abril de 1917 — Mirandópolis, São Paulo, 29 de maio de 1996) tornou-se conhecido a partir de 1980 por fazer inscrições peculiares sob um viaduto no Rio de Janeiro, onde andava com uma túnica branca e longa barba.

Os pais conferiam de “olhos fechados” autoridade aos professores [...] a escola era vista como legítima representante de valores compartilhados por todos os membros da sociedade e aos quais todos deviam se conformar, e a escola também era, de fato, praticamente o único lugar onde se encontrava o patrimônio cultural (1999, p. 27).

Apenas para ilustrar um pensador da Antiguidade, Platão acreditava que não cabia à família incumbir-se da educação integral da criança, uma vez que a educação do homem é algo tão valioso para ser confiada, puramente, ao âmbito familiar. Era imprescindível que o Estado, este sim, governado pelo rei-filósofo, oferecesse a formação do homem por ele idealizado.

Na sociedade atual, um novo projeto de lei que almeja regulamentar a educação domiciliar no Brasil vai na contramão do pensamento platônico, já que confere aos pais ou tutores responsáveis o direito de tomar para si a função de professores dos filhos. Em abril de 2019, o atual presidente assinou o referido projeto que tramitará no Congresso Nacional antes de se transformar em lei. O projeto altera duas Leis, a de nº 8.069 criada em 13 de julho de 1990 e a de nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2019). A primeira dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, a última estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Lembremos, que essa não é a primeira tentativa de regulamentação da educação domiciliar, pois há exatamente um quarto de século,

em 1994, um projeto de lei 4657/94 que abordava a educação domiciliar no Brasil foi arquivado já com parecer contrário devido a não reeleição do parlamentar. Após 14 anos uma nova proposta de lei 3518/08 é apresentada à Câmara dos Deputados e colocada em debate por especialistas da área sobre a viabilização da implantação do ensino domiciliar no Brasil, uma vez que o número de adeptos desta modalidade cresce no Brasil, na sua grande maioria clandestinamente, e, ao redor do mundo, principalmente em países considerados do primeiro mundo arrebanha milhares de pessoas. Os dados apresentados por estudiosos que investigaram a educação domiciliar nos países onde está prática é legalizada, apontam indícios de uma educação de qualidade visando à formação do homem sabedor de suas responsabilidades e direitos enquanto cidadão ativo e crítico da sociedade onde está inserido (FERREIRA, OLIVEIRA, 2010, p. 2)

Na visão de Arendt, “a responsabilidade pelo mundo se dá na forma de autoridade. Assim, dentro da escola, a autoridade do educador e as qualificações do professor não são a mesma coisa” (2011, p. 239). Ou seja, apenas tendo pleno conhecimento do mundo o professor estará capacitado a passar esse conhecimento aos outros. Conforme Kaadi *et al.* “A direção das escolas deveria, portanto, depender da decisão de pessoas competentes e ilustradas, aquelas as quais incentivem e visem a formação de homens críticos e autônomos, e que, antes de tudo,

também tenham tais posturas” (2016, p. 174). Kaadi et al. reforçam que Kant é grande defensor da educação pública, porque “parece mais vantajosa que a doméstica, não somente em relação à habilidade, mas também com respeito ao verdadeiro caráter do cidadão. A educação doméstica, além de engendrar defeitos do âmbito familiar, os propaga” (KANT apud KAADI et al., 2016, p. 174). Djavan, em 1984, lançou a música *Esquinas*. O verso: “sabe lá o que é não ter e ter que ter para dar” descreve fidedignamente a situação de todos os que, em nosso momento atual, são convocados a atuar com autoridade e, no entanto, se dizem de mãos atadas. Havendo, portanto, entre nós que somos responsáveis pelo mundo e pelos novos que nele habitam em vias de estado “esquinal”, é importante atentarmo-nos às novas faces do mundo em irreduzível surgimento. Precisamos, urgentemente, nos localizar nesse debate, encontrarmo-nos em relação ao presente, não para nos adequarmos a ele, mas para atuarmos às necessárias transformações, sempre em um movimento de *espiral progressão*, ou seja, retornar para aprender e, posteriormente, reinventar, fazendo ressurgir novos ciclos e evoluir. Trata-se de constante adesão e distanciamento. “Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (AGAMBEM, 2009, p. 59). É preciso empenho e, também, criatividade para as alterações mesmo diante de tantos limites. O nosso papel não é, e tampouco pode ser, de passividade. Os adultos do passado e do presente não podem prosseguir carregando a culpa de estar a transferir às gerações futuras o encargo de corrigir os erros de seus antecessores. Por que deixar para amanhã o que pode ser feito hoje? Agora é e sempre pareceu ser a melhor hora para as concretizações. É inadmissível deixar para depois o que pode se fazer imediatamente. A menos que esteja tudo realmente perdido, que algo mais não possa devir, e assim, não há como resistir; tudo está dominado. Será mesmo?

Arendt, em sua obra “*O que é Política*” menciona que:

Se alguém quiser ver e conhecer o mundo tal como ele é 'realmente', só poderá fazê-lo se entender o mundo como algo comum a muitos, que está entre eles, separando-os e unindo-os, que se mostra para cada um de maneira diferente e, por conseguinte, só se torna compreensível na medida em que muitos falarem sobre ele e trocarem suas opiniões, suas perspectivas uns com os outros e uns contra os outros (ARENDR, 2002, p. 23)

Assim, o mestre exerce a autoridade em um mundo que está sob sua responsabilidade, no espaço comum da vida em sociedade que já estava e deverá permanecer. Nesse sentido é

essencial tratar o papel do educador. Afinal, o adulto, seja pai ou professor tem diante dessa árdua e complexa tarefa uma função, logicamente distintas, a desempenhar.

La Taille, em *Autoridade na escola*, diz que

a educação tem seu processo garantido por várias instituições, da família às universidades, passando pelas creches, escolas, colégios etc. Com exceção da família, cuja existência e organização são bem mais complexas, notadamente porque possui uma forte dimensão afetiva, parece-me óbvio que a assimetria está na base dessas instituições: elas são formadas por pessoas que sabem algumas coisas – os professores – e por outras que estão lá justamente porque não sabem essas mesmas coisas – os alunos. (1999, p. 13).

É preciso, de antemão, ver como Hannah Arendt criticou as modernas teorias educacionais que foram assimiladas de forma indiscriminada na América do Norte, fulminando com os métodos tradicionais estabelecidos de ensino e aprendizagem. Houve através dos tempos um processo de redução das exigências e das reprovações, que acabaram por conduzir à atitude cultural de se crer que o professor finge que ensina, e o aluno que aprende.

A sociedade atual atravessa momentos que abordam várias questões relativas à fragilidade em que se encontra a autoridade no âmbito escolar. A crise da autoridade é atualmente tão evidente no lar quanto na escola. Isso nos conduz à questão: qual o importante papel do educador hoje? Arendt argumenta que a introdução da criança no mundo se dá pela primeira vez, normalmente, através da escola, e será através dessa instituição que se efetivará, de alguma forma, a transição da família para o mundo. Seria, então, possível ao educador do nosso século resgatar a inquestionável autoridade perdida?

É nesse sentido que entra a noção de natalidade. Avaliar tal ponto de vista como essência da educação, indubitavelmente, nos fará entender a importância de se “preservar essa novidade e introduzi-la como algo novo em um mundo velho” (ARENDR, 2011, p. 241). Estimar-se-á, também, as distinções entre mundo público e particular. Enfim, precisamos resgatar da tradição, no sentido arendtiano, qual é o papel do educador.

Precisamos reaprender e tomar para nós a responsabilidade pelo mundo, já que, como referido acima, no contexto atual nos sentimos debilitados a encarar os problemas advindos com a modernidade e as transformações que colidem nas relações entre o novo e o velho.

2 A ESTREITA CONEXÃO DA CRISE DA AUTORIDADE NA EDUCAÇÃO E A CRISE DA TRADIÇÃO

2.1 O sentido original do termo autoridade

Hannah Arendt compartilha conosco o modo como refletiu a autoridade em seu sentido original.

A noção dessa palavra conjecturada após a Antiguidade ao âmbito educacional emergiu por uma via diferente da que fora considerada pelos gregos. Arendt comenta que “as grandiosas tentativas da Filosofia grega para encontrar um conceito de autoridade que obstasse a deterioração da *polis* soçobraram devido ao fato de não existir [...] nenhuma consciência de autoridade que baseasse em experiências políticas imediatas” (2011, p. 161). Platão e Aristóteles, então, de maneiras distintas, buscaram se guiar dos exemplos das relações humanas provenientes da administração doméstica e da vida familiar gregas.

Segundo a filósofa, a autoridade que ficou conhecida durante séculos no ocidente foi aquela que em sua plenitude e singularidade, naturalmente, obtida de experiência política da Roma antiga entranhou-se em seu solo, tal qual a raiz de uma árvore que se estende às profundezas, assegurando-se dos fortes ventos (ARENDDT, 2011, p. 162). A palavra *auctoritas* descende do verbo *augere*, “aumentar” (2011, p. 163). O Senado ou patres, concebidos como os pais da República, estavam plenamente munidos de autoridade para fazer crescer os fundamentos alicerçados pelos ancestrais. Por meio do Senado os fundadores da cidade romana e o espírito do começo se faziam presentes. A consciência romana acreditava na exaltação ao passado como o mais excelente modelo para os vivos, portanto, havia na fundação de Roma um extraordinário cunho sagrado, e assim deveria ser propagada às gerações herdeiras. A ancestralidade se resguardava em absoluta autoridade, cada nova geração ao receber dos antepassados as fundações de todas as coisas futuras, deveriam ser fidedignos ao caráter sagrado do começo. Preservar a fundação da cidade de Roma representava às suas gerações atuais e futuras a participação na política. “A autoridade dos vivos era sempre derivativa, dependendo [...] da autoridade dos fundadores que não mais se contavam no número dos vivos” (ARENDDT, 2011, p. 164). Assim sendo, Arendt adota o conceito de autoridade embasada na trindade romana: religião, autoridade e tradição.

A tradição como *locus* fundamental da autoridade, enquanto ininterrupta e continuamente conservada permitiria à autoridade um *status quo* intocável, isto é, “a autoridade estaria intata” (ARENDDT, 2011, p. 166). Toda ação necessitava estar amparada na tradição e

autoridade. Agir alicerçado nesses dois elementos da trindade era orientar-se em padrões e modelos acolhidos, consagrados através dos tempos; não se beneficiar “da sabedoria dos pais fundadores, era inconcebível” (ARENDR, 2011, p. 166).

A religião, como terceiro elemento da tríade, significava literalmente, segundo Arendt, *re-ligare* (2011, p. 163). Ser religioso era cingir-se ao passado. Desta forma, o elo entre autoridade, tradição e religião configurou o pilar da fundação de Roma. A tradição era, portanto, garantidamente o fio condutor do passado com o que é seguro ao fluir pelas gerações em memória e profundidade. A profundidade é algo que só se concretiza no homem pela recordação. (ARENDR, 2011, p. 131).

2.2 A crise da autoridade: do mundo moderno ao contemporâneo

A crise contemporânea na educação e, sobretudo, a crise dos estabelecimentos escolares pode ser bastante compreensível quando a partir dos textos de Arendt *Que é autoridade* e *A crise na educação* dá-nos consciência dos fatores determinantes da tão profunda e irreversível perda da autoridade, isto é, desta necessária, tão imprescindível para a estabilidade daquelas.

Havia, segundo Arendt, uma autoridade legítima “que desapareceu do mundo moderno” (2011, p. 127). Legítima pelo fato de que a autoridade da qual estamos tratando é aquela em que o emprego de meios externos de coerção é terminantemente inadmissível, pois, a autora explica que “onde a força é usada, a autoridade em si mesmo fracassou”. O fato de a autoridade requisitar obediência induz, muitas vezes, em ser “confundida com alguma forma de poder ou violência”, portanto, é fundamental saber que a relação existente entre aquele que manda e aquele que obedece embasa-se naquilo que possuem em comum, na hierarquia em si mesma. A justa e legítima relação hierárquica pressupõe que as partes envolvidas ocupem lugar estável e predeterminado. (ARENDR, 2011, p. 129).

Logo, pensar que estamos despojados do sentido legítimo de autoridade e não nos é mais possível reconhecê-lo nas relações, não há como refutar que a crise na educação é de veras uma crise da autêntica autoridade, da perda da segurança à estabilidade do conhecimento e do amparo daqueles que deveriam se preocupar por aquele que sempre esteve e deverá permanecer, o mundo.

Vejamos a reflexão de Arendt a respeito dessa crise:

Pois bem: sabemos todos como as coisas andam hoje em dia com respeito à autoridade. Qualquer que seja nossa atitude pessoal face a este problema, é óbvio que, na vida pública e política, a autoridade ou não representa mais nada [...] ou, no máximo, desempenha um papel altamente contestado. Isso, contudo, simplesmente significa, em essência, que as pessoas não querem mais exigir ou confiar a ninguém, o ato de assumir a responsabilidade por tudo o mais, pois sempre que a autoridade legítima existiu ela esteve associada com a responsabilidade pelo curso das coisas no mundo (2011, p. 240).

Nesse sentido, é inegável que o que vem sendo implementado na contemporaneidade em nome da liberdade e da igualdade de direitos foi basilar para a modernização e a democratização das sociedades. O ano de 2019 tem dado fortes sinais para o retrocesso que paira sobre o âmbito da educação, no Brasil. Manifestam-se fortes ataques, provenientes de nova ideologia, que concebe ao jovem estudante, por exemplo, o direito de denunciar e filmar seus professores em sala de aula.

Haubert e Agostini, repórteres do Jornal O Estado de São Paulo, citam a declaração dada pelo ministro da Educação, Abraham Weintraub, a respeito das filmagens que vêm ocorrendo em salas de aula. Conforme reportagem, o ministro afirma que “filmar professores em sala de aula é um direito dos alunos”, e, logo após, complementa em sua fala dizendo lembrar-se que, “como professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), sempre deixou que seus alunos gravassem as aulas e fotografassem a lousa” (2019, p.8).

O assunto, indubitavelmente, traz à tona repercussões contrárias e favoráveis. A deputada Janaína Paschoal (PSL-SP), por exemplo, diz oferecer

Todo apoio ao presidente (por publicar o vídeo de uma aluna de cursinho) e à aluna, que educadamente exigiu o básico: aula! Os professores podem se manifestar, mas os alunos também podem. Só o que pedimos são escolas plurais. Nada além disso! (PASCHOAL apud HAUBERT; AGOSTINI 2019, p.8).

Cortella, em entrevista à BBC News Brasil, manifesta-se com relação à ameaça aos professores:

o que eu sou avesso é a aprovação de algo que instala uma tornozeleira eletrônica no magistério. Afinal de contas, quando se sugere às alunas e alunos, a partir da fixação de um cartaz, que eles fiquem em estado de vigilância permanente e sejam capazes de filmar e dizer aos seus pais e para a comunidade que o professor, ou professora, está dando um passo naquilo que ele, o aluno, considera equivocado, isso é uma tornozeleira eletrônica. Em vez de a docência ficar em estado de autovigilância, algo necessário para quem é educador ou educadora, o projeto instala algo externo, que mantém os professores sob uma ameaça (CORTELLA, 2018).

Vivemos, sem dúvidas, alarmantes momentos que nos convocam à reflexão. Não é normal o grau de apatia a nos envolver em pleno século XXI. Por essa via, não será possível formar sujeitos de decisões livres, conscientes e responsáveis, capazes de marcar o mundo de forma positiva, como se espera.

2.3 É possível restaurar a autoridade nas relações?

Como educar numa sociedade desprendida da autoridade legítima? Seria aceitável ao adulto, a partir dessa perda, justificar impossibilidade de assumir tal responsabilidade pelo mundo?

Apesar da evidente perda de estabilidade do mundo onde grande parte das pessoas aparentam não estarem aptas a lidar com as intempéries frequentemente perceptíveis, sempre será o homem a sobreviver e cessar com o caos explícito, a proporcionar novo sentido, finalidade e segurança à vida. Arendt acredita que “a capacidade humana de construir, preservar e cuidar do mundo que nos pode sobreviver e permanecer um lugar adequado à vida para os que vêm após” (2011, p. 132), não se perde. O mundo se funda por mãos humanas, é o lugar onde os homens - e não somente um homem - constroem suas histórias e culturas, é o espaço onde todos, independentemente da subjetividade que os tornam singulares, são intersubjetivos, não estão isolados, coexistem em um mundo comum, a compartilhar ideias com o outro, capaz de incitá-los às mais diversas experiências e a se sentirem em casa.

Fernando Savater em *O valor de educar* acentua que

Quem pretende educar converte-se, de certo modo, em responsável pelo mundo face ao neófito, como muito bem assinalou Hannah Arendt, se lhe repugna esta responsabilidade, mais vale que se dedique a outra coisa e que não estorve. Tornar-se responsável do mundo não é aprová-lo tal como ele é, mas sim, assumi-lo conscientemente porque é e porque, só a partir do que é, pode ser emendado. Para que haja futuro, alguém deve aceitar a tarefa de reconhecer o passado como próprio e oferecê-lo àqueles que vêm depois de nós (1997, p. 11).

Como escreveu o filósofo espanhol, além de sua capacidade em instruir, o adulto ao comprometer seus cuidados com o futuro denotará impreterivelmente seu respeito ao passado, em uma atitude conservadora. A garantia de continuação do velho requer a absoluta representatividade do adulto. Indubitavelmente, a percepção nos recém-chegados de se preservar o mundo é tarefa do educador.

Dessa forma, educar se torna uma atitude conservadora por motivos óbvios. A criança ao adentrar em um mundo que já existia antes de sua chegada precisa ser orientada para que não se veja abandonada e responsável por algo que não conhece, afinal é uma carga impossível de carregar por si só.

Visar uma educação para o conservadorismo não é, de forma alguma, pretender conjecturar ao mundo um *status quo*, é, sim, defender a liberdade daqueles que, por meio das suas ações na política, desejam discursar a respeito do mundo de forma inteligível.

3 A PERDA DO SENSO COMUM: SINAIS DE CRISE

A perda do senso comum é para Arendt uma das manifestações que se infundiu de forma categórica à crise dos tempos modernos, dado a um redundante abandono do passado e de seus valores, o que leva a humanidade a expropriar-se das profundezas da existência humana, ou como dito anteriormente, da recordação (2011, p. 131). Tal perda, no tocante, a crise na educação, como demonstrado pela autora, se impôs em razão das reformas educacionais advindas às necessidades de uma sociedade de massas, não movida pelo senso de pertença. Por isso, a conformidade às pedagogias progressistas se mostrou tão servil quanto indiscriminada. (ARENDR, 2011, p. 228)

A sociedade de massas é regida por uma mentalidade que confere a toda e qualquer tarefa humana a reprodução do ciclo vital da sociedade e da espécie humana. A propensão das modernas sociedades de trabalho e consumo impele, em nome de um ideal de abundância, que se derrubem, assiduamente, as barreiras protetoras do mundo, concernentes aos grandes ciclos da natureza. Assim, além de gerar uma vigorosa instabilidade institucional tem-se também a perda do sentido de realidade. Consciente dos inúmeros aspectos de uma sociedade de massas, Arendt constata o desaparecimento do senso comum e a incapacidade de julgar como males endêmicos do contemporâneo.

Segundo Arendt, em *A Crise na Cultura: Sua importância Social e Política*

a capacidade para julgar é uma faculdade especificamente política, exatamente no sentido denotado por Kant, a saber, a faculdade de ver as coisas não apenas do próprio ponto de vista mas na perspectiva de todos aqueles que porventura estejam presentes; que o juízo pode ser uma das faculdades fundamentais do homem enquanto ser político na medida em que lhe permite se orientar em um domínio público, no mundo comum: a compreensão disso é virtualmente tão antiga como a experiência política articulada. (2011, p. 275).

Na questão da crise na educação, ver-se-á que Arendt refere-se aos pressupostos teórico-pedagógicos como fonte do desencadeamento de graves medidas que conduziram a educação ao seu colapso nos Estados Unidos. O fato é que essas medidas tiveram, segundo a pensadora, a clara consciência de não ensinar conhecimentos, e sim, o inculcamento da habilidade. Consequentemente ocorre a conversão das instituições de ensino em instituições vocacionais, levando-as à incapacidade de fazer com que a criança tomasse para si os pré-requisitos que comumente se adquire de um currículo padrão. (2011, p. 232).

Segundo Veiga:

Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito. Neste sentido, o currículo refere-se à organização do conhecimento escolar (1998, p.11-35).

Logo, a transformação da instituição de ensino em instituição vocacional, indica o momento em que o *locus* escolar passa da esfera pré-política para vir a, junto a tantas outras, pertencer à esfera social.

A conflitante situação posta pela modernidade face a tradição e a autoridade desencadeou, portanto, uma variedade de problemas na América do Norte que nos faz, hodiernamente, indagar o papel do ensino nas escolas e qual deve ser o papel do professor. A ruptura com a cultura ou tradição escolar e a adesão aos preceitos da educação progressiva deram relevo a três pressupostos para um novo padrão educacional: primeiramente, o fazer e o brincar como atividades características da criança. Cria-se que, “a aprendizagem no sentido antigo, forçando a criança a uma atitude passiva, obrigava-a a abrir mão de sua própria iniciativa” (ARENDR, 2011, p. 232); depois a tentativa de extinguir as diferenças entre jovens e velhos à autonomia do mundo da infância. A partir da escola, abnegava-se a autoridade do professor e dispensava-o de ser aquele que conhece sua matéria para vir a ser alguém que ensina qualquer coisa (ARENDR, p. 231), e, enfim, a retirada de todo o conteúdo, destinado aos legatários pelo mundo comum, do foco de atuação da escola. Esta não iria mais priorizar o ensino de conhecimentos específicos e úteis, mas as habilidades técnicas.

Os pressupostos acima nos permitem inferir que distinção e excelência jamais poderiam ter cedido lugar à homogeneização e, principalmente, à recusa da hierarquia, no entanto, foi o que ocorreu. Segundo Arendt, “o pretexto de respeitar a independência da criança” levou-a a

ser “excluída do mundo dos adultos e mantida artificialmente no seu próprio mundo” (2011, p. 233). A partir desse momento, evidencia-se que a criança foi impedida de seu tempo e espaço anteriormente concebido como pré-político, simplesmente, pelo fato daquela necessária autoridade, que no pretérito se dava “mais tranquilamente” entre professores e alunos, ter sido arruinada. Nada mais nos resta, portanto, no momento, para ser experienciado da legítima autoridade. O que temos, por ora, são crianças procedendo como se fossem adultas capazes de emitir opinião própria. As relações parecem invertidas, é possível ver muitos filhos dando ordens aos pais. O que fazer? Eis a grande questão?

3.1 O imprescindível papel do adulto na educação

Como anteriormente explicito, a palavra autoridade frequentemente está associada ao poder, proibição, violência, obrigação [...], no entanto, assim como Arendt, todos os que advogam à sua restauração, em sentido legítimo, são cômicos da imprescindibilidade das suas representações à educação.

A autoridade legítima é edificadora, instiga a construção da autonomia. A autoridade que por essa acepção se discorre pretende que aluno ou filho não venha a ser mera projeção de desejo de seus professores ou pais, mas possa sentir, pensar e existir por si mesmo.

Segundo Schütz

a autoridade educativa tem a função de acolher a humanidade, universal e não excludente. Uma vez que, uma escola que acolhe em nosso mundo, um mundo que foi constituído pelas gerações anteriores – de que nós adultos, fazemos parte – com seus esplendores e seus horrores. A autoridade é, essencialmente, um ato de confiança, confiança na humanidade e no outro, grosso modo, não educamos as crianças apenas em função do processo vital ou para satisfazer seus desejos, mas, principalmente para que no futuro possam fruir e criar o mundo comum. Entretanto, primeiramente, sem ainda assumirem a responsabilidade por ele, precisam conhecê-lo (2017, p. 95).

É importante que os adultos não renunciem às suas responsabilidades pelas crianças enquanto tais. Estas rogam por tempo, espaço e proteção num processo de amadurecimento até que possam fazer parte do mundo, como convém a todos, posteriormente, fazerem. Para tanto, a educação precisa estar afastada dos demais âmbitos, necessita ter seu território próprio para que lhe possa ser aplicado, de modo exclusivo, o conceito de autoridade e uma atitude face ao passado (ARENDRT, 2011, p. 246). As novas gerações precisam pensar o hoje e o amanhã aproximados da tradição, do passado, em um vínculo entre o velho e o novo.

Por essas razões, Arendt compreende que,

A função da escola é ensinar às crianças como o mundo é, e não instruí-las na arte de viver. Dado que o mundo é velho, sempre mais que elas mesmas, a aprendizagem volta-se inevitavelmente para o passado, não importa o quanto a vida seja transcorrida no presente (2011, p. 246).

É preciso, realmente, um espaço em que a criança, em pleno desenvolvimento possa inserir-se. Este espaço é e sempre foi a escola, onde a criança deve ajustar-se, e não o contrário como, muitas vezes, se tem crido o pleiteado pelo ideário *escolanovista*. Será isto verdade? Porque o que se percebe em nosso século a ser reproduzido pelos professores nas escolas não é, decerto, o conhecimento que resulta “de obras e autores fundamentais”, como por exemplo, “Vygotsky, Freire Bourdieu, Giroux, Morin [...]”, mas de “psicólogos que publicam livros de autoajuda, de médicos que ‘dão formação’ sobre neuroeducação a professores... de sala de aula [...]” (PACHECO, 2019, p. 106). Parece, portanto, essencial rever as fontes emergentes e ainda fluentes nas escolas que as tem arrebatado, distanciando-as cada vez mais do seu verdadeiro propósito. Desta forma, o aluno ver-se-á inquestionavelmente a caminho da conquista da autonomia. O respeito adquirido de ser quem se é capacitado à ação na pluralidade do *nós* engendrará a participação no espaço público. Este é aquele a quem Arendt atribui ser "o espaço potencial da aparência entre homens que agem e falam" (2011, p. 212).

Conforme Carvalho em seu texto *O tempo da Escola*,

O tempo da escola não é o da produção fabril, na qual o “tempo é dinheiro” e precisa ser otimizado para maximizar o investimento. Ou, ao menos, não deveria ser. O tempo da escola é o da *skholé*: tempo livre, tempo de formação que exige calma, que não resulta em um objeto tangível, mas em um processo cujos resultados são sempre da ordem do imprevisível (2018, n.p).

O acolhimento dado às crianças através da educação propiciará que tenham aptidões para “dominar, apreciar e transformar as tradições culturais que formam a herança simbólica comum e pública” (CARVALHO, 2013, p. 83). É preciso, assim, que a autoridade legítima se faça bem compreendida, de modo a blindar-se contra as facetas do totalitarismo. Este não pode continuar a lançar seus resquícios aonde quer que vá, não pode romper as estruturas da instituição escolar. Os elementos dessa estrutura precisam cuidar-se para não vir a ser o monstro que se quer combater. É preciso permitir às crianças e jovens assumirem o papel de protagonistas para educar e transformar a sociedade.

Em consonância, La Taille considera que o papel das instituições escolares “é, ou deveria ser, o de se tornarem paulatinamente ‘inúteis’ para seus alunos”, uma vez que tendo-se perpetrado com sucesso tal relação, implementar-se-á a não mais necessária recorrência do aluno aos antigos e únicos detentores do saber que se buscou obter, a partir de então, tornar-se-ão iguais (1999, p. 13). Porém, se isso não ocorrer sinalizar-se-á conflito, a relação professor/aluno, certamente, inexistente: enquanto o professor finge que ensina, o aluno, por sua vez fingirá que aprende. “Sem a autoridade que advém da competência, ao professor só resta o autoritarismo ou o laxismo. Mas também é verdade que, sem o apoio intelectual do professor, ao aluno só resta o esforço inglório ou o desinteresse” (POMBO, 2003, p. 26).

Nesse sentido, a vida tenderá a ser vivida sem convicções plenas. Alguém, que não se permite responder à pergunta: quem sou? Colocará de lado tudo o que possa contribuir ao seu “eu”; o seu vínculo com o passado e com o futuro não será eventável, o que lhe restará é viver em provisoriedade permanente. A inscrição no Oráculo Sagrado de Delfos – Templo de Apolo é uma forte e imprescindível convocatória ao “Conhece-te a ti mesmo”. E esta, sim, deve ser a permanente tarefa da escola, e, dos adultos que além de se preocuparem, responsabilizam-se pelos novos e com o mundo. É o momento de todos retomarem suas tarefas com relação às crianças e jovens. Segundo Márcio Ferrari da Nova Escola, “o ensino, na perspectiva vigotskyana, deve se antecipar ao que o aluno ainda não sabe nem é capaz de aprender sozinho, porque, na relação entre aprendizado e desenvolvimento, o primeiro vem antes” (2008, n.p)

A escola não pode, portanto, decrescer em seu nível, abrir espaço às mais diversas fundamentações que parecem surgir do nada e apresentadas como se fossem as melhores coisas a se fazer para a educação. Dinâmicas tais quais, as referidas por Enrique Elfes (2016) em sua aula *Modernidade e Civilização*, que só contribuem para a instituição escolar embrenhar-se em ideais do tipo:

É preciso democratizar o ensino; é preciso que cada vez mais as pessoas tenham acesso ao ensino; é preciso facilitar as coisas para que aqueles que têm mais dificuldades possam aprender melhor; é preciso reduzir as exigências, reduzir a reprovação. Os índices internacionais exigem que nós tenhamos alta taxa de escolarização e baixa taxa de evasão para que tenhamos empréstimos do Banco Mundial. Então, o fato é que por essa via a exigência caiu a zero. (2016, n.p)

Empenhemo-nos na batalha contra as forças que provocam a alienação, tão corrente em nossos tempos. É de suma importância o ato da indignação, o do não se permitir ao alheamento. Convém aos pais delegar poder à escola, já que de início, segundo La Taille, “a obediência das

crianças a seus professores depende essencialmente de um fator básico: *a delegação de autoridade dos pais para a escola*” (1999, p. 17). Educandos e educadores precisam estar lado a lado em todos os momentos que se fazem necessários. “O professor não deve ser visto apenas como alguém que ensina, mas também, e sobretudo, como alguém que *sabe*, que possui *conhecimento*” (LA TAILLE, 1999, p. 27). É de praxe que os próprios alunos concedam autoridade. Os docentes que denotam empolgação pelos conhecimentos ministrados é, de fato, um natural motivo para deixar seus alunos em profunda admiração, pois são essas pessoas a os estimularem cada vez mais aproximarem-se do que devem ser. O sentido da vida não é do possuir coisas, mas o da mudança do espírito, o do devir, o do deparar-se com conhecimento do “eu”. É necessário que haja repulsa em nós contra tudo o que possa nos levar à inação. O ideal é quebrar a frieza do nosso interior para dar passagem às perenes chamadas da ação.

4 A VISÃO DA NATALIDADE COMO ESSÊNCIA DA EDUCAÇÃO

O número de nascimentos no mundo é intenso e constante. Provavelmente a cada três segundos novos seres humanos nasçam, sempre à espera de que possam não somente receber acolhimento, mas, sobretudo, ter a oportunidade de familiarização com o *locus* comum a todas as gerações que por ele passaram, passam e ainda hão de passar. Seres que nascem e morrem, muitas vezes constroem e deixam legados aos que vão surgindo.

O fato de o mundo ser um construto humano, ou seja, da ação comum de todos os homens, torna-se, portanto, o espaço que apenas garantirá aos seus criadores morada se não for destruído pelos novos. A humanidade ao demonstrar-se preocupada com a natalidade concebe-se também responsável pelo *locus* que a instiga ao sentido de pertença. Nesse sentido é que, Arendt no início de seu ensaio em *A Crise na Educação* alega que “a essência da educação é a natalidade” (2011, p. 223).

Sobreviver é um fator imprescindível ao homem, uma vez que jamais foi prometido a alguém sua eternidade no mundo. O ofertado é apenas uma passagem breve, mesmo que possa atravessar o limite dos cem anos, não importa, é provisória. Todavia, o homem é o único ser capaz, em toda a natureza, de expandir o leque existencial seja às atividades do labor e trabalho como às atividades da ação, por isso, cada uma dessas está profundamente concatenada às condições básicas nas quais a vida foi dada ao homem. A ação só é possível no espaço público, pois trata-se de uma atividade que relaciona os homens, conduzindo-os ao espaço da política, sede da igualdade e da pluralidade. Enquanto no âmbito privado impera a necessidade, temos

no público o reino da liberdade. É por esse caminho que a existência humana se vê entrelaçada à tríade, certificando-a do que é “ser humano”.

O movimento nazista desperta em Arendt intensa inquietude com relação ao indivíduo. A noção de respeito à dignidade humana e singularidade do indivíduo foi no totalitarismo, torpemente, massacrada pela intolerância e manipulação. Em a *Condição Humana* “a resposta que Arendt tentou dar aos ‘por quês’ dos regimes totalitários se tornou, assim, uma fenomenologia das atividades humanas” (FRY apud SILVA; MARQUES, 2017, p. 24). Por esse motivo, dar-se-á em seguida uma breve síntese da tríade.

O *labor* é das três atividades a que está relacionada ao existir. A existência humana, na contemporaneidade, não se desvencilha da satisfação de certas necessidades, e para tanto necessita produzir para consumir. “A condição humana do labor é a própria vida” (ARENDR, 2007, p. 15). Tal ciclo, produzir para consumir, vem se colocando, hodiernamente, para além das necessidades biológicas. Logo, o homem enquanto ser subordinado às suas necessidades rápidas é concebido por Arendt como *Animal Laborans*.

Embora, o segundo elemento, *trabalho*, conforme anunciado por Arendt corresponda “ao artificialismo da existência humana” (2007, p. 15) se coloca diferentemente da definição de homem subordinado às suas necessidades prementes, pois rege o aspecto à durabilidade da vida humana. O homem almeja que seus artefatos lhe proporcionem estabilidade e amplo domínio sobre a natureza. O dominador ao exercer controle sobre a natureza, além de engendrar facilidades à sua vida, consegue demonstrar suas habilidades e imaginação criativa.

Desta forma, ligadas à esfera privada estabelecem-se as atividades do labor e do trabalho, no entanto, a dialogicidade dessas ocorre diferentemente com relação aos produtos de desejo do homem. Enquanto o labor se incumbe da produção das coisas necessárias a subsistência e perpetuação da vida, o trabalho futura-se do útil e do belo. Tais resultados permitem, portanto, perceber a distinção entre essas atividades. Assim, enquanto o labor se estabelece no imediato desfazimento de seus produtos, os construtos do trabalho possuem a capacidade de transcender a existência do *homo faber*, ou seja, de seu criador.

Mas é a ação, das três atividades, a única que independe da matéria como canal para atender a verdadeira e mais excelsior das necessidades humana. A ação aliada ao discurso vem a ser o *point* da condição humana à pluralidade. É na pluralidade humana que se estabelece o duplo aspecto de “igualdade e diferença” (ARENDR, 2007 p. 188). Por intermédio da ação e, também, do discurso os homens se mostram, se desvelam e se entendem. Assim, em *A Condição Humana*, Arendt afirma que

[...] a ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto homens. Esta manifestação em contraposição à mera existência corpórea, depende da iniciativa da qual nenhum ser humano pode abster-se sem deixar de ser humano. Isto não ocorre em nenhuma atividade da *vida activa* [...]. A vida sem discurso e sem ação [...] deixa de ser uma vida humana, uma vez que já não é vivida entre os homens. (2007, p. 189).

Segundo Arendt, a ação é uma atividade que além de não ter fim, é irreversível

Os homens sempre souberam que aquele que age nunca sabe exatamente o que está fazendo; que sempre vem a ser <<culpado>> de consequências que jamais desejou ou previu; que, por mais desastrosas e imprevistas que sejam as consequências do seu ato jamais poderá desfazê-lo; o processo por ele iniciado jamais termina inequivocamente num único ato ou evento, e que seu verdadeiro significado jamais se revela ao ator, mas somente à visão retrospectiva do historiador, que não participou da ação (2007, p. 245).

Desta forma, ao se relacionar com o mundo, o indivíduo manifesta-se como ator e suas ações assumem um caráter de aleatoriedade, fazendo-as escapar de seu domínio. Não há como certificar-se do resultado e o fim da ação, por ser infundável, e não há como retroceder, por ser inflexível à exigência de qualquer limitação. Sua durabilidade, ou continuidade no tempo compreender-se-á como um processo que transcende ao seu iniciador, graças ao movimento de forças que o agente não é capaz de conter e, também, por envolver seres igualmente inclinados à criação do novo.

Assim, imprevisibilidade e irreversibilidade são características da ação que nos levam a percebê-las como limitadoras da liberdade, por tratar-se de consequências que podem levar à ruptura da teia das relações humanas. Como remediar as consequências de tais características?

Arendt em suas análises afirma que “a única solução possível para o problema da irreversibilidade [...] é a faculdade de perdoar” (ARENDR, 2007, p. 248). Trata-se de um instrumento próprio da ação capaz de desfazer os atos do passado e que, portanto, pode-se lançar mão para evitar que se perpetue as rupturas apresentadas no âmbito público. As divisões nesse espaço vão na contramão do que se entende por ação política fundamentada em atos e palavras. Com relação à imprevisibilidade “a solução é dada pela faculdade de prometer e cumprir promessas” (ARENDR, 2007, p. 249). O futuro tido como um oceano de incertezas precisa de certas ilhas de segurança.

Para a autora, a ideia de liberdade é imprescindível e bastante relevante, por isso, no cenário de sua obra ocupa lugar cativo. A liberdade com seus contornos fenomênicos faz com que se torne uma faculdade humana capaz de socorrer, de salvar o mundo nas muitas vezes em que este caminha à ruína. Assegurar o mundo comum dos plurais, dos iguais e diferentes,

renovado pela espontaneidade do novo em exercício da liberdade, tem em vista impedir que se propague os destinos totalitários.

Arendt reforça que

Fluindo na direção da morte, a vida do homem arrastaria consigo, inevitavelmente, todas as coisas humanas para a ruína e a destruição, se não fosse a faculdade humana de interrompê-las e iniciar algo novo, faculdade inerente à ação como perene advertência de que os homens, embora devam morrer, não nascem para morrer, mas para começar (2007, p. 258).

Ao lado do sentido de salvação, Arendt abre o leque da liberdade, também, para a ideia de “milagre”. Milagre não compreendido em sentido da fé e da superstição, mas revelado à ideia de uma “improbabilidade infinita” (2011, p. 2018), pois remete à convicção de liberdade ontologicamente fundada e fundamentada na natalidade. “Porque é um começo, o homem pode começar; ser humano e ser livre são uma única e mesma coisa. Deus criou o homem para introduzir no mundo a faculdade de começar: a liberdade” (ARENDR, 2011, p. 216).

Nesta perspectiva, a pensadora alemã afirma a liberdade como imediatamente procedente da natalidade. Admite-se, assim, à natalidade o *status* de essência da educação. A dimensão conservadora da educação é de suma importância haja vista a indispensável renovação do mundo. Cabe à educação se ocupar da transição do novo para o espaço público. Foi dado à educação o desafio de construir a ponte entre o velho com o novo, da criança com o mundo, do passado com o futuro, de modo a colocar o homem de volta nos trilhos do tempo, em seu fluxo de ininterrupta sucessão.

CONCLUSÃO

Com este trabalho pretendemos um diálogo com o passado, haja vista a necessidade de buscarmos nele a luz capaz de nos retirar da lacuna em que atualmente estamos inseridos. A tradição é deveras o fio de compreensão do mundo graças a experiência vivida pelos homens em cada uma das gerações. Notadamente, a tradição não é imutável, cada sociedade ao longo do tempo passou por inevitáveis transformações. No entanto, para que as inovações sejam bem-sucedidas não se pode prescindir das orientações das gerações passadas; seria e é descabido lançar fora todas as tradições; as consequências seriam de fato desastrosas, uma vez que nossas mentes vagueariam nas trevas (ARENDR, 2011, p. 32).

Tomando por base a aspiração de crescimento que toda sociedade possui, é difícil crer na possibilidade de existência de um mundo comum quando seus agentes de inopino resolvem

criar um mundo criado apenas por crianças, expulsando-as, assim, do mundo adulto. Tal atitude nega ao mundo, até então concebido, o caráter do devir, da novidade; e desampara as crianças de serem orientadas por seus predecessores. A autoridade inexiste. Dois mundos, portanto, separados não mais consegue prever o futuro. O que passa a ter valia é o agora, o imediato, em substituição da *ação*, da pluralidade humana, pelo conformismo.

Neste sentido, a natalidade como essência da educação, e esta como indispensável à formação de seres humanos, torna claro o papel da escola. Urge a retomada da autoridade perdida. Cabe aos professores, como responsáveis pelas crianças e pelo mundo se beneficiarem das mudanças ocorrentes na contemporaneidade e apresentar à criança como o mundo é. A educação não é adestramento para continuidade de valores estabelecidos, tudo está em eterno movimento, por isso é um processo. Partimos sempre rumo ao imprevisível. O novo está constantemente surgindo. O homem precisa ser educado para se tornar humano.

Arendt vivenciou problemas que chegaram a nós de forma, indiscutivelmente, mais acentuada; há, decerto, um alto valor histórico e educacional proveniente dos pensamentos clássicos. Conhecer tal legado pedagógico é imprescindível para entender as maneiras de pensar a educação hoje. Não nos é possível continuar distanciados da luz e orientação de nossos antepassados. O nosso século reivindica ao homem o crescimento que lhe é essencial. Aceitar a progressiva destruição da humanidade graças à ausência de uma Educação digna é inadmissível. Temos uma sociedade de trabalhadores e consumidores prescindindo de suas individuais ambições em prol de um comportamento operacional. Não podemos nos isentar da *ação*, da interação entre os homens, da liberdade que abre espaço para novos começos e experimentos. Nós que somos os responsáveis pelo mundo e pelas novas gerações temos que nos preparar para as inúmeras transformações que constantemente invocam o nosso depreendimento. É preciso que nos permitamos a *Ação*, atividade que Arendt conceitua como sendo indispensável.

Desde a modernidade o homem persegue caminhos que o distancia da ajuda dos antepassados. Incertezas levaram os homens a confiarem em suas próprias capacidades de conhecer e entender o mundo. No entanto, quanto mais nos colocamos afastados dos corrimões que, muitas vezes, nos serviram de amparo, tendemos a perder e abandonar o legado que por essas linhas foram tecidas. São estas que nos conduzem a agir em conjunto e nos tiram do escuro hiato. Não podemos permitir que os nossos jovens se vejam perdidos e se peguem cada vez mais estúpidos. Atualmente é perceptível o alto desinteresse das crianças pela leitura, querem o divertimento em prejuízo do ler e escrever, e o incrível é que os pais ou não conseguem ou não se importam em colocar limites. Deixam as crianças criarem suas próprias

regras. É incontestável que, as gerações antes alfabetizadas são hoje substituídas pelas apreciadoras de imagens.

É essencial que o professor nos dias de atuais provoque interesse em seu aluno, algo que para muitos pode parecer impossível. No entanto, não é difícil encontrar alunos que se sentem estimulados pelo seu mestre a conseguirem, um dia, se tornarem autônomos. Assim o professor, será capaz de um dia tornar-se inútil para os seus alunos. E este é o papel do professor, segundo La Taille. O aluno alcançará o degrau que o possibilitará criar o seu próprio estilo de aprender, e será grato àquele que o ajudou. Desta forma, mais do que almejar ser aquele que ensina, parece essencial que o professor se veja como aquele que ajuda alguém a aprender. O nosso momento demanda urgentes mudanças. Nossos jovens se veem em um palco de facilidades e intensas transformações, onde as informações e os comandos se posicionam de forma não hierarquizada. É assustador pensar que a escola, até então concebida como único espaço em que a criança, em pleno desenvolvimento deva ser inserida, possa vir a ser substituída por outros recursos de ensino como, por exemplo, o ensino domiciliar, ou através do EAD, classificada como uma realidade educacional no Brasil, no Ensino Superior. Deste modo, é preciso refletir e engendrar o que ainda é possível mudar.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, GIORGIO. “O que é o Contemporâneo?” In: AGAMBEN, GIORGIO (org.). *O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*; [tradutor Vinícius Nicastro Honesko]. — Chapecó, SC: Argos, 2009.

AQUINO, Julio Groppa (Org). *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas*. 4. Ed. São Paulo: Summus, 1999. 229 p.

ARENDT, Hannah. *O que é política?* 3. ed. Tradução de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, 240p.

_____. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. Que é autoridade? In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. cap. 3, p. 127-187.

_____. A Crise na Educação. In: _____. *Entre o passado e o futuro*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. cap. 5, p. 221-247.

_____. A Crise na Cultura: Sua importância Social e Política. In: _____. *Entre o passado e o futuro*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. cap. 6, p. 248-281.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. *Reflexões sobre educação, formação e esfera pública*. Porto Alegre: Penso, 2013.

_____. O tempo da escola. *Revista Educação*. 350. ed., jul. 2018. Disponível em: <<https://www.revistaeducacao.com.br/o-tempo-da-escola/>>. Acesso em: 02 ago. 2019.

CORTELLA, Mário Sérgio. *Os pais esquecem que a família não é uma democracia*. São Paulo. O Estado de São Paulo, 2017. Entrevista concedida a Isabela Palhares. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,os-pais-esquecem-que-a-familia-nao-e-uma-democracia-diz-mario-sergio-cortella,70001775559>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

_____. *'Quem não gostaria de ver excelência de escolas militares em todo o ensino?'*. São Paulo. BBC News Brasil, 2018. Entrevista concedida a Ricardo Ferraz. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46158479>>. Acesso em: 23 maio 2019.

DANNEMANN, Eitel Teixeira. *As escolas relegam a nossa história*. 26 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.efecadepatos.com.br/?p=26929>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

ELFES, Henrique. *Modernidade e civilização*. Campinas. IFE Campinas, 61min., 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VNGb6MyWE7o>>. Acesso em: 03 set. 2019.

FERRARI, Márcio. Lev Vygotsky, o teórico do ensino como processo social. *Nova Escola*. São Paulo, out. 2008. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/382/lev-vygotsky-o-teorico-do-ensino-como-processo-social>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

FERREIRA, Robson Alex; OLIVEIRA, Rosemeire Dias de. Os desafios da educação domiciliar no Brasil. *FIEP Bulletin On-line*, Foz do Iguaçu, v. 80 – edição especial, p. 1-6, 2010. Disponível em: <<http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/File/1830/3571>>. Acesso em: 04 jul. 2019.

HAUBERT, Mariana; AGOSTINI, Renata. *Presidente divulga vídeo de aluna que filmou professora*. O Estado de São Paulo, Caderno de política, p. 8, 29 abr. 2019.

KAADI, Izabel Cristina Xavier Rosa et al. *Contribuições da teoria kantiana para a educação*. Anais da V Semana de Integração Inhumas: UEG, Goiás, p.172-180, jun. 2016. Disponível em: <<https://www.anais.ueg.br/index.php/semintegracao/article/view/6341>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

KEHL, Maria Rita. *A "teenagização" da cultura*. Folha de São Paulo. São Paulo, p. 1-3, set. 1998. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs20099809.htm>>. Acesso em: 02 set. 2019.

LA TAILLE, Yves de. Autoridade na escola. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1999. p.9-29.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Educação Básica: Bolsonaro assina projeto que regulamenta educação domiciliar*. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=75061>>. Acesso em: 04 jul. 2019.

PACHECO, José. Pseudoinovações. In: PACHECO, José. *Inovar é assumir um compromisso ético com a educação*. Petrópolis: Vozes, p. 91-106, 2019.

POMBO, Olga Maria. O Insuportável Brilho da Escola. In: RENAUT, Alain et al. *Direitos e Responsabilidades na Sociedade Educativa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 31-59, 2003.

SAVATER, Fernando. *O valor de educar*. Lisboa: Editorial Presença, 1997, 158 p.

SCHÜTZ, Jenerton Arlan. Autonomia e mundo infantil: reflexões à luz de Hannah Arendt. *Cadernos da Fucamp*, v.16, n. 26, p.87-107, 2017. Disponível em: <<http://fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/viewFile/1033/789>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

SILVA, Pedro Rento Pereira da; MARQUES, Victor Hugo de Oliveira. O conceito de natalidade na obra “a condição humana” de Hannah Arendt. *Revista Filosófica São Boaventura*, v.11, n. 1, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://revistafilosofica.saoboaventura.edu.br/filosofia/article/view/45>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

VEIGA, Ilma Passos da. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos da (org.). *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. Campinas: Papirus, p.11-35, 1998.